

Senhoras e Senhores

Estamos a inaugurar o novo Fórum da comarca de São João Del Rey.

Um Fórum é um espaço que – na expressão de Antoine Garapon - contribui a instituir a autoridade do juiz, entendida como capacidade de instrumentalizar materialmente, simbolicamente e intelectualmente, a deliberação, a deliberação pública.

Esse eminente publicista, antigo magistrado e que atualmente dirige, em França, o Instituto de Altos Estudos sobre a Justiça, ainda assinala que nenhum espaço coletivo é concebível sem uma cultura que lhe atribua uma expressão simbólica própria, que lhe exprima os valores, em uma linguagem de pedra. Vale dizer: o edifício do Fórum tem sua própria e imemorial linguagem, que são suas pedras, mesmas.

Outrora, faziam-se Palácios de Justiça como se foram templos gregos. Havia uma explicação para isso. Era uma linguagem simbólica que se perfazia: pinturas nos tetos, as tábuas da lei nas paredes, espadas e balanças em profusão. Havia – sempre com as reflexões de Garapon – toda uma densidade simbólica referente aos tempos fundadores de nossa civilização.

Tudo isso tem o seu significado: a civilização e a cultura se desenvolvem em continuidade.

É um continuum, que trazemos nos ombros, mas também cingimos à frente como sinal de nossa identidade.

Os modernos edifícios dos Palácios de Justiça já não se constroem como templos gregos.

Outra é a linguagem arquitetural.

Os prédios se tornaram mais sóbrios. De resto, essa sobriedade vai de par com o espírito de Minas Gerais.

Entretanto, isso não significa dizer que fórum moderno não tem densidade simbólica. Ela está dentro de cada um de nós, Juízes, Promotores, Advogados e, sobretudo, na memória coletiva do povo. Mais ainda: ela está no coração do povo.

Assim, o Fórum continua sendo como que um lugar sagrada, espaço por excelência do exercício democrático, que assegura o governo da lei.

É um território de honra das Repúblicas: nele todos são iguais, e igualmente submetidos à lei.

Símbolos têm naturalmente maior poder de expressão do que a própria linguagem, por isso que, ainda na lição de Garapon, os Palácios da Justiça, é dizer, os Fóruns (ou, no bom latim: os Fora), instituídos pelo nosso respeito, nos restituem generosamente os nossos dons (nossas doações no plano dos valores morais e políticos), ao reafirmar os valores de nossa democracia. Os Palácios de Justiça são um ponto de apoio, de recuperação de forças, de nossa democracia, em pane de sentidos.

Nesse contexto, a só existência de um Palácio de Justiça é a sua virtude cardeal.

Assim, pensa Antoine Garapon e cremos que a sua é a mais perspicaz análise do quanto significa um Fórum para o meio social.

Não há originalidade, pois, no que venho dizer. Isso já foi dito. E como foi por quem soube fazê-lo, convim que seria melhor trazer-lhes esse resumo de tão acuradas reflexões. Fi-lo em respeito de suas antigas e consagradas tradições culturais.

Fi-lo com a crença segura de que a um povo culto, devemos falar no nível que lhe é costumeiro.

Senhoras e Senhores

Esta é a comarca do Rio das Mortes, instituída em 1714. Quanta história aqui se fez, nesses três centenários quase decorridos.

Sou filho de Sabará. Sei bem o significado de uma consciência coletiva marcada por uma longa e gloriosa experiência

Essa experiência conforma os caracteres e configura os foros de uma civilização.

Falo aqui da civilização das Minas Gerais.

Otto Lara Resende, aqui nascido, gostava de relembrar o dito sobre a fina flor da mineiridade, própria dos mineiros da zona da mineração.

Há uma longa série de análises sobre a nossa psicologia coletiva.

- O que é ser mineiro?

Os doutos, entre eles Silvio Vasconcelos, diziam que o mineiro é assim como o gato: não incomoda e não quer ser incomodado, e que seu forte é a resistência passiva, suas armas a astúcia, a paciência e a teimosia.

Temos também, como anotava Pedro Nava, um certo gênio na combinação, amor à conversa, aversão à chalaça, gosto pelo humor, anteposição à intimidade e uma decoração predileção pela cerimônia.

Indago-me sobre quem melhor poderia representar toda essa herança cultural, senão o mais ilustre dos filhos desta terra: o Presidente Tancredo Neves. Nele se somava, sobrançeria e cordialidade.

A sobrançeria cordial é o que caracteriza São João Del Rey. É o traço que a torna inconfundível.

É o que pena literária de Antônio de Lara Resende dizia expressar “algo mais viril e agressivo do que vaidade, algo que ousou comparar a orgulho em mulher bonita e cortejada.”

Eis aí a alma desta terra. Eis aí a alma de Minas Gerais.

Todos os ensaios sobre nossa psicologia coletiva acentuam a nossa sobriedade (que obviamente inclui a predileção pela cerimônia), bem como a anteposição à intimidade.

Cerimônia, aqui não pode ser tomada como gosta pelo fausto. Não. Cerimônia, no subjetivismo mineiro, é decorrência de sobriedade. É uma marcação de território, com a qual delimitamos nosso espaço de reserva moral.

É nesse espaço que nos movemos com eficácia. É nele que encerramos nossos valores, para melhor defendê-los.

É um espaço subjetivo.

Quero, - e lhes peço permissão para isso -= ligá-lo, aqui, ao espaço sacramental, densamente simbólico, do Fórum que hoje se inaugura.

É uma união que bem nos sabe ao gosto. Esse espaços sobrepostos, nesta terra luminosa, serão guardiães da nossa Justiça, a Justiça que em sendo o mais alto dos valores humanos, por sua vez, é a imemorial sentinela do sentimento – também ele um valor moral – que nos vai na alma: o sentimento da liberdade.

O espaço sagrado, sacramental, deste novo Fórum, creiam-me, é o espaço da Justiça e da liberdade. É o espaço do sub lege libertas, que os mineiros praticamos, entre nós.

Dou por inaugurado este Fórum